



O Capitalismo Estatal Cubano

John Taylor

As mistificações não são uma característica das sociedades pré-capitalistas. As sociedades primitivas adoravam seres da natureza antropomorfizados. A sociedade escravista – grega e romana – adorava inúmeros deuses. A sociedade feudal cristã adorava um Deus único. Nas sociedades primitivas, a mistificação era produto do poder da natureza sobre os seres humanos e no pouco desenvolvimento da consciência. Esse mundo ingênuo desabou com o surgimento das sociedades de classes. Uma nova forma de mistificação emergiu, a ideologia, convivendo com novas versões das antigas.

Com o surgimento do capitalismo e, junto com ele, do racionalismo, iluminismo, ciência, desenvolvimento tecnológico, muitos julgaram que o reino das mistificações é coisa do passado. Ledo engano. A proliferação de ideologias é comum e as mistificações aumentaram quantitativamente, sendo inclusive a ciência, a tecnologia, o racionalismo, novas formas de mistificação. Essas mistificações muitas vezes são produzidas e reproduzidas sem intencionalidade por parte de muitos indivíduos, mas sob forma intencional por outros. As fontes de tais mistificações são variadas, desde os interesses de classes, a visão da aparência e dificuldade de acesso à essência, bem como as influências de ideologias anteriores existentes sobre os indivíduos, e mais uma lista enorme que poderia ser acrescentada.

As mistificações são poderosas e uma das mais influentes e perniciosas é a do socialismo. A ideia de que o socialismo foi implantado em diversos países é uma das mais fantásticas mistificações da história moderna. Essa mistificação tem duas fontes poderosas e por isso se tornou ideologia dominante a respeito do socialismo. A primeira fonte é o bolchevismo, que deformou o marxismo e a ideia de socialismo e autointitulou os regimes ditatoriais da URSS, Leste Europeu, China, Cuba, entre outros, como



socialistas. Aliás, o próprio bolchevismo se qualificar como “comunista” é outra grande mistificação. A outra fonte é composta pelos ideólogos burgueses – que são reproduzidos nos livros didáticos, grande imprensa, etc. O interesse dos primeiros é se legitimar, justificar, garantir a docilidade dos explorados e oprimidos no seu território e angariar simpatias no exterior, o que é útil para sua política externa e imperialismo. No outro caso, o interesse é desacreditar todas as ideias e tendências que apontam para uma outra sociedade após o capitalismo, taxando um bom número de regimes ditatoriais como “socialismo” ou “comunismo”.

A humanidade só pode avançar e se libertar de suas mazelas se romper com as mistificações. Por isso, a mistificação do socialismo deve ser combatida e vamos destacar o caso cubano. A derrocada do capitalismo estatal na União Soviética e Leste Europeu abre uma ampla possibilidade de desmistificação, que já vem feita desde os anos 1920. O foco principal dos desmistificadores foi a URSS, mas sua crítica abrangia o resto. No entanto, devido sua resistência, Cuba e China continuam sendo mistificadas como se fossem países socialistas. É hora de desmistificar o falso socialismo cubano.

Cuba é uma pequena ilha. Ela foi dominada por ditadores anteriores a Fidel Castro. Este, junto com Che Guevara, realizaram um golpe de estado que implantou um capitalismo estatal seguindo mais ou menos o modelo russo. Aliás, Cuba era aliada da URSS. O que é o capitalismo de Estado? O termo surgiu através de autores e militantes marxistas para qualificar o regime ditatorial da Rússia sob comando de Lênin. Na Europa Ocidental e na própria Rússia, nos anos 1920, essa mistificação já era desmistificada. Os poderosos, do capitalismo privado e do capitalismo estatal, possuem a força de impor suas ideias e por isso tais críticas foram marginalizadas e poucos tiveram acesso a elas. Como a mistificação é poderosa, dominante e divulgada aos quatro cantos, então a sua crítica e superação deve ser feita e refeita pelos críticos e desmistificadores.



O capitalismo de Estado é o mesmo capitalismo descrito por Karl Marx em *O Capital*. Um modo de produção marcado por uma classe de exploradores – os capitalistas – que exploram aqueles que realmente produzem a riqueza – os proletários – através de um trabalho excedente produzido por estes e não recebido, o mais-valor. Obviamente que qualquer pessoa bem informada concordará que na antiga URSS e em Cuba, como em qualquer outro país “socialista”, existem trabalhadores assalariados que produzem um trabalho excedente, um mais-valor, que é apropriado por outros. Contudo, poderão cair no canto da sereia dos ideólogos bolchevistas, de ontem e de hoje, do stalinismo ao trotskismo, que afirmarão que não existe classe capitalista e exploração, pois o mais-valor é concentrado no Estado, e a propriedade é coletiva, voltada para atender as necessidades do povo. O Estado é operário e por isso quem fica com o excedente é a própria classe operária, e isto constitui o socialismo, período de transição para o comunismo, no qual nem Estado existirá, ele vai se definindo até desaparecer durante tal transição.

Isso significa deformar o que Marx colocou a respeito do capitalismo. Ele entendia que o mais-valor só existe na sociedade capitalista, é um conceito dessa sociedade e não pode ser usada em outra. Se existe mais-valor, existe burguesia e proletariado. Isso é relativamente simples, tal como dizer que a vassalagem é um conceito da sociedade feudal e que não existe no capitalismo ou no comunismo. Se existisse vassalagem em Cuba, então seria uma sociedade feudal. Já o Estado é um conceito mais amplo, utilizável em todas as sociedades divididas em classes sociais, sendo o comitê da classe dominante. O socialismo, tal como idealizado por Marx e muitos outros, é uma sociedade sem classes, sem Estado. Não há o menor sentido então em falar de “Estado operário”. Se é Estado, é o comitê de uma classe dominante em uma sociedade de classes. O proletariado não pode ser classe dominante, pois se fosse,



quem ele dominaria no suposto “socialismo”? Se existe classe dominante, existe classe dominada, explorada. O proletariado não pode explorar ele mesmo.

Por mais incrível que pareça, concordamos com os ideólogos bolchevistas: em Cuba (como no resto do dito “socialismo”) existe mais-valor, Estado, dinheiro, trabalho assalariado e muitos outros conceitos próprios da sociedade capitalista. O que nós discordamos, devido a uma obviedade que todo historiador e marxista devia saber e que explicamos acima, é que tais países podem ser chamados “socialistas”. São países capitalistas estatais. Algo, logo dirão, ficou sem responder: quem é a classe dominante em Cuba e nos países socialistas? Muitos responderiam: os burocratas. E estariam relativamente certos. Afinal, quem realizou as supostas “revoluções socialistas”? Foram os burocratas de partido que realizaram golpes de Estado e tomaram o poder estatal, metamorfoseando-se em burocratas estatais.

Aqui há um problema. Alguns dos defensores da teoria do capitalismo estatal concordam e afirmam isto. Contudo, há um problema: se persiste a produção de mais-valor, o modo de produção capitalista, então deve persistir a classe que se apropria dele e a que o produz e é explorada. Esta última é consenso que existe e é o proletariado. A classe que extrai o mais-valor é a burocracia? Isso é uma contradição, pois extrair mais-valor é o que caracteriza a burguesia. O que ocorre é que nos países chamados “socialistas” houve a fusão da burocracia com a burguesia. A burocracia é uma classe que exerce o poder na sociedade e a burguesia é a classe do dinheiro, da riqueza. Sem dúvida, a burguesia também exerce poder. Isso é derivado do seu poder financeiro, sua riqueza, o capital. A burocracia exerce um poder menor a seu mando. A burocracia é paga, e bem paga, na maioria dos casos, pela burguesia para dirigir e controlar o Estado e outras instituições. No capitalismo de Estado, a burocracia exerce simultaneamente a função de comando e direção, e, ao mesmo tempo, o da burguesia, extrair mais-valor e comandar a acumulação. Por isso alguns, como Bettelheim, a chama de burguesia de

Marxismo e Autogestão

Marxismo e Autogestão, Ano 01, Num. 01, jan./jun. 2014

Estado, ou poderia ser burguesia burocrática, a fusão de duas classes em uma só, exercendo duas funções e graças a isto disfarçando a dominação de classe e a exploração.

Em Cuba não tem nada de diferente. A origem do regime capitalista estatal em Cuba tem semelhanças com o caso russo, bem como diferenças. A semelhança é que os líderes guerrilheiros, burocratas informais, tomaram o poder estatal via insurreição armada. No caso russo, os burocratas formais do Partido Bolchevique fizeram o mesmo. A diferença é pequena, burocratas informais e formais. Outra diferença é que o grande líder-burocrata russo, Lênin, se dizia marxista e comunista, enquanto que o grande líder-burocrata cubano não. Isto é revelador. Fidel Castro tinha pouca influência do “marxismo”¹, o falso marxismo russo. Ele evoluiu ao bolchevismo depois do golpe de Estado, obviamente muito mais por oportunismo do que por convicção. O caso cubano é um dos mais mistificados da história: uma suposta revolução socialista efetivada não pelo proletariado, numa sociedade atrasada e hegemonicamente camponesa, e nem por supostos comunistas, e sim por guerrilheiros nacionalistas que tomam o poder estatal. Comicamente, o socialismo agora pode ser implantado por qualquer um, ou qualquer ditador.

Uma vez no poder, Fidel Castro e Che Guevara – que até hoje os ingênuos idolatram como se fosse marxista, comunista ou “revolucionário” – se aproximam do bolchevismo e dos demais países capitalistas estatais, notadamente a URSS, um bom apoio, financeiro e militar. Assim, começam o processo de estatização. O sistema bancário, parte da propriedade rural, do ensino, etc. Essa estatização servia aos interesses da nova classe dominante, que derrubou a classe dominante pré-capitalista e subordinada ao imperialismo norte-americano e realiza a modernização capitalista e nacionalista de Cuba, graças ao apoio da URSS. Os supostos progressos sociais em

¹ Essa é outra mistificação que abordarei em outro artigo.



educação e saúde ocultam a precariedade das condições de vida em geral e do próprio sistema educacional e de saúde. O regime ditatorial era mantido sob o pretexto das ameaças “contrarrevolucionárias”.

Os escritos de Che Guevara, justificando o capitalismo estatal e criticando o maoísta Charles Bettelheim e sua obra *A Luta de Classes na URSS*, na qual ele demonstrava o caráter capitalista deste país, apesar de seus diversos equívocos provocados por sua posição política, já aponta para o papel dos líderes cubanos. Fidel Castro, o grande ditador cubano, apensa reproduzia ideologias e discursos sobre o falso socialismo e se aliava com o bloco capitalista estatal.

A existência do trabalho assalariado e extração de mais-valor revela o caráter capitalista da sociedade cubana. A acumulação capitalista incipiente devido às especificidades da ilha de Fidel Castro, bem como a situação social e o regime ditatorial mostra que a sociedade cubana é uma sociedade capitalista e pobre. As relações de trabalho são assalariadas em sua maior parte, a extração de mais-valor sustenta a acumulação incipiente, tanto pelas condições do país, quanto pelos gastos excessivos com uma grandiosa máquina burocrática estatal e a impossibilidade de desenvolvimento do grande capital privado.

O proletariado cubano que foi se ampliando, apesar de continuar demasiadamente pequeno. A produção de açúcar é o forte da ilha. A concentração de renda nas mãos da burguesia burocrática, a necessidade de criar profissões (médicos, professores, burocratas menores) para garantir um setor de apoio na sociedade contra o lumpemproletariado, o proletariado e o campesinato, mostram os dilemas da ditadura cubana. Uma sociedade sem grandes recursos naturais e possuindo diversos problemas produz estas formas de ação estatal, que, mesmo com o apoio da URSS, tinha que conviver com grande pobreza, escondida dos turistas e estrangeiros em geral, e até dos “simpatizantes” de outros países, que depois se tornam propagandistas da ditadura

Marxismo

e

Autogestão

Marxismo e Autogestão, Ano 01, Num. 01, jan./jun. 2014

cubana sob fachada socialista. Essa situação piorou com a queda do capitalismo estatal “soviético”. Nos anos 1990, o PIB caiu drasticamente. A importação teve que ser reduzida ao mínimo possível. Diversos problemas sociais se avolumaram. As reformas sociais desse período fez aumentar ainda mais a desigualdade social.

Mas o que interessa é que o capitalismo estatal cubano jamais pode ser considerado uma ilha de socialismo no mar capitalista. É um regime marcado pela ditadura, exploração de classe, mais-valor, trabalho assalariado, produção de ideologias legitimadoras (tais como as de Fidel Castro e Che Guevara), inclusive é outra fonte de mistificação do socialismo, pois ao se autodeclarar socialista, tal como é o interesse da burguesia burocrática, reforça a ideologia da possibilidade de um regime socialista marcado pela exploração de classe, ditadura, existência de mais-valor, classes, Estado e outras coisas típicas do capitalismo. A resolução do problema de Cuba ainda o mesmo de todos os outros países: uma autêntica revolução proletária.